



**MEMÓRIAS DO
CAXAMBU**

SANTA CRUZ

**Genildo Coelho Hautequestt Filho
Luan Faitanin Volpato
Rosângela Venturi Barros**

**MEMÓRIAS DO
CAXAMBU**
**SANTA
CRUZ**

***Genildo Coelho Hautequestt Filho
Luan Faitanin Volpato
Rosângela Venturi Barros***



MEMÓRIAS DO CAXAMBU SANTA CRUZ

FICHA TÉCNICA

Texto e Revisão
Genildo Coelho Hautequestt Filho
Rosângela Venturi Barros

Coordenação Técnica e Pesquisa
Genildo Coelho Hautequestt Filho

Fotografias
Luan Faitanin Volpato

Capa
Luan Faitanin Volpato

Projeto Gráfico e Diagramação
Luan Faitanin Volpato

Realização
Associação de Salvaguarda do
Patrimônio Imaterial Cachoeirense

Impressão e Acabamento
Gráfica Forma Certa

© 2022 Todos os direitos reservados.

Apoio:



Realizado com recurso do
Funcultura



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Memórias do Caxambu Santa Cruz / [coordenação técnica e pesquisa] Genildo Coelho Hautequestt Filho ; [fotografias] Luan Faitanin Volpato ; [texto e revisão] Rosângela Venturi Barros. -- Vitória, ES : Editora Milfontes, 2022.

Bibliografia.
ISBN 978-65-5389-047-3

1. Cultura popular - Cachoeiro de Itapemirim (ES)
2. Festas religiosas - Cachoeiro de Itapemirim (ES)
3. Memória cultural 4. Patrimônio imaterial
I. Hautequestt Filho, Genildo Coelho. II. Volpato, Luan Faitanin. III. Barros, Rosângela Venturi.

22-132553

CDD-299.098152

Índices para catálogo sistemático:

1. Caxambu Santa Cruz : Cachoeiro de Itapemirim : Espírito Santo : Estado : Festas religiosas : História 299.098152

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

AGRA DECI MENTOS

Aos mestres e caxambuzeiros de Cachoeiro, em especial à Ilinha e à Maria Laurinda, bem como aos demais que fizeram e fazem a história do Caxambu Santa Cruz.

DEDICATÓRIA

Aos que teimam em cantar e dançar ao redor das fogueiras, apesar das dores ancestrais e da dureza do cotidiano.



OS AUTORES

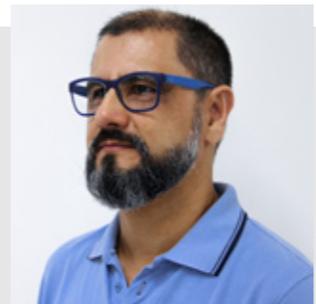


Foto: Luan Volpato

GENILDO COELHO HAUTEQUESTT FILHO

Genildo Coelho Hautequestt Filho nasceu em Cachoeiro de Itapemirim – ES, é Arquiteto e Urbanista pela Universidade de Alfenas, especialista em Arquitetura e Ambiente Urbano pela mesma universidade, Mestre em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense.

Além de exercer a docência do ensino superior no Centro Universitário Multivix, em Vitória, atua como arquiteto restaurador em diversas obras no Espírito Santo.

É membro fundador da Associação de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Cachoeirense desde o ano de 2001 e possui forte atuação como produtor cultural em projetos desse segmento, como documentários, livros, oficinas de transmissão de saberes, eventos culturais etc.

“Conheci Maria Laurinda no ano de 1999 e logo depois participei, pela primeira vez, de uma roda do Caxambu Santa Cruz lá no Quilombo Monte Alegre... e nunca mais consegui sair dela! Fé, devoção, compromisso e respeito aos mais velhos é o que mais me impressiona nessas pessoas tão especiais que ainda hoje guardam a tradição do caxambu com todas as suas marcas do cativoiro.”

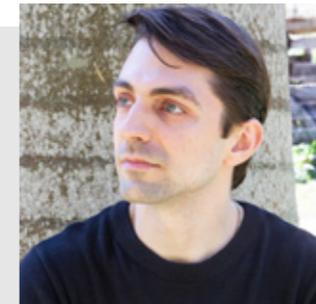


Foto: Luana Julia da Silva

LUAN FAITANIN VOLPATO

Luan Faitanin Volpato nasceu em Cachoeiro de Itapemirim – ES, é bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e pós-graduado em Artes Visuais: Cultura e Criação. Atua como fotógrafo e designer gráfico.

Desde 2012 (quando esteve pela primeira vez na tradicional festa do Raiar da Liberdade, em Monte Alegre), é responsável por fotografar diversos folguedos dos grupos da Associação de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Cachoeirense e compor um extenso banco de imagens da entidade.

Suas fotografias já integraram diversos projetos da Associação – como os livros Fésta: fé e festa (seu primeiro livro autoral), As Flechas de São Sebastião, Todas as faces de Maria e Palavra de Mestre –, além de exposições fotográficas no Brasil e no exterior – como Todas as faces de Maria, I Salão de Arte Fotográfica de Cachoeiro de Itapemirim, Salão de Artes Levino Fanzeres e Rua.

“Falar de Caxambu é falar de raízes. Uma parte primordial da história que segue nos contando sobre passado, presente e futuro. Como seu admirador desde 2012 – quando tive o primeiro contato com a manifestação –, procuro transmutar em imagens todos esses tempos, impregnados nos rostos, nos cantos e na força dos seus personagens. Assim espero que a essência do Caxambu rompa as fronteiras da roda e alcance a sensibilidade de mais pessoas.”



Foto: Mariana Leal

ROSÂNGELA VENTURI BARROS

Rosângela Venturi Barros nasceu em Muqui – ES, é jornalista pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, licenciada em Letras (Português/Literatura) pelo Centro Universitário São Camilo e especialista em Leitura e Produção de Texto pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Como repórter do jornal A Gazeta, atuou entre os anos de 1989 e 2009, produzindo dezenas de reportagens no Sul do Estado, para todas as editorias. É membro fundadora da Associação de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Cachoeirense e, desde 2002, membro colaboradora da Comissão Espírito Santense de Folclore.

É autora dos livros Palavra de Mestre, que reúne perfis de 18 mestres da cultura popular em Cachoeiro, O universo mágico das Folias de Reis, Caxambu: Tambores da Liberdade e Charola de São Sebastião – Compromisso de fé no Santo Mártir Guerreiro.

“Conheci Maria Laurinda há mais de vinte anos. Sua altivez é impactante. É possível ler no seu gestual, na entonação da sua voz e no atrevimento de um olhar que não envelhece toda a força de sua ancestralidade. Maria Laurinda lidera com naturalidade, mas não sem lutas. Junto aos seus (parentes de sangue ou não) segue firme na missão de preservar as heranças de seus antepassados, um patrimônio imaterial que confere identidade à comunidade de Monte Alegre.”

A FORÇA DA MEMÓRIA

Nada expressa melhor a inacreditável força e resistência do povo pobre do Brasil do que a nossa cultura popular. Menosprezada pela onda conservadora que nos assola, ela tem resistido a ataques históricos periódicos de violências e ódios, justamente por sua capacidade de sintetizar e teatralizar lutas, dores e injustiças. São linguagens ricas, fortes, contêm elementos-chaves do nosso imaginário social. Caso não fosse assim não teria resistido por séculos aos atos de negações e proibições. A repressão na ditadura Vargas, nos anos 1930 e 1940, por exemplo, foi avassaladora.

Nem tudo, entretanto são trevas. Para provar isso, temos nas mãos esse primoroso trabalho, realizado por três pessoas muito sensíveis. Ele é, tanto do ponto de vista do texto quanto dos registros fotográficos, uma janela que se abre para observarmos esse rico legado dos nossos antepassados. O olhar que essa janela aberta com pesquisas sérias e ricas é o investimento de suas vidas. Não são estudiosos que buscam a neutralidade da escrita positivista, a distância do olhar weberiano. Antes, pelo contrário, estão engajados na mesma luta daqueles cuja histórias de resistências cotidianas retratam.

Essa a força do trabalho, o reconhecimento do valor artístico, cultural e imaginário do que está sendo registrado. As palavras se sucedem de forma natural, e vão contando uma história de resistência do nosso povo preto, tão massacrado. O Caxambu não é mostrado com um festejo despolitizado ou meras marcas do passado. Sua trajetória de força vinda dos escravizados é bem nítida, e seu papel na vida cotidiana das comunidades fica claro.

As extraordinárias Maria Laurinda Adão e a Cumadi Ilinha, descendentes dos fundadores do quilombo de Monte Alegre, onde Caxambu Santa Cruz tem suas raízes, são personagens lendárias dos caxambus e são apresentadas aos leitores com a beleza de sua arte e simbologia de suas resistências. Nenhuma homenagem é suficientemente forte para expressar o reconhecimento que todos devemos ter por essas duas grandes mulheres.

Tendo tido a honra de ter sido convidado para escrever essas breves palavras de apresentação do “Memórias do Caxambu Santa Cruz”, deixo como impressão da leitura e visualização das fotos, que é trabalho para orgulhar os capixabas por terem em seu meio tão talentosos estudiosos de nossa vida social.



*Aê, aê, aê, aê,
Pai, Filho, Espírito Santo.
Aê, aê, aê, aê,
Na hora de Deus amém.*

*Aê, aê, aê,
Pai, Filho, Espírito Santo, (bis)
Na hora de Deus amém. (bis)*

PRE
FA
CIO

**JOÃO
GUALBERTO**

*Professor Emérito
da UFES, Doutor em
Ciências Sociais.
Foi secretário de
cultura do Espírito
Santo entre 2015 e
2018*

O QUE É O Caxambu?

O Caxambu é uma manifestação que remonta aos tempos da escravidão no Brasil. Já naquela época, os negros escravizados costumavam cantar e dançar por horas a fio, invadindo as madrugadas. Não raro seus senhores observavam da varanda da casa grande, atraídos pelo som dos tambores e pela cantoria. Originalmente um ritual de resistência à escravidão, o Caxambu consiste na formação de uma roda para cantar jongos (versos algumas vezes improvisados, tendo como tema a fé e o cotidiano).

A permissão das rodas fazia parte das negociações entre escravizados e senhores. Dessa forma, buscava-se amenizar o sofrimento do cativo. Para que os senhores e feitores não entendessem o que os negros cantavam, os versos tinham uma característica que persiste até os dias de hoje: eram cifrados. Com isso, podiam debochar dos senhores e capatazes, por exemplo, sem a ameaça do castigo físico.





Por meio dos versos os caxambuzeiros também resolviam rivalidades surgidas nas senzalas. E faziam isso em batalhas verbais. Quem perdia o desafio poderia sofrer consequências físicas ou no plano espiritual. Vem daí a tradição de “amarrar” alguém na roda do Caxambu. Quando “amarrada” a pessoa não consegue deixar a roda, fica numa espécie de transe. Não um transe de elevação espiritual, mas de sofrimento.

Além de debocharem dos seus opressores nas rodas, por meio dos jongsos os caxambuzeiros também desafiavam seus senhores e invocavam os santos e orixás de devoção, a quem clamavam por ajuda para se libertar da escravidão. ◦

Era uma forma de resistir aos maus tratos e não perder a alegria. As rodas eram formadas sempre ao lado de uma fogueira, ao som de batuques e tambores.

Ao contrário do que se propagou por muito tempo, os negros escravizados nunca se esconderam nas rodas, a não ser quando criavam os canjerês que eram muito comuns em nossa região e que eram duramente combatidos pelas autoridades policiais e pelos fazendeiros. Os canjerês eram associações secretas de negros com fins religiosos e de auxílio mútuo. Eles aconteciam em locais próximos às cidades e fazendas da região que só eram conhecidos pelos negros. Quando os canjerês eram descobertos eles mudavam de lugar. Na verdade eles são os embriões dos atuais terreiros.





Em Cachoeiro de Itapemirim são utilizados apenas dois tambores:

O CAXAMBU

(o maior, com função de “chamar”)

O CANDONGUEIRO

(o menor, que tem como função “responder”)

Quem participa de grupo de caxambu é chamado de **caxambuzeiro**.



O “RAIAR” DA liberdade

Com o fim oficial da escravidão no Brasil, em 13 de maio de 1888, muitos negros escravizados se juntaram para comemorar, agora de forma ostensiva, sem a ameaça de castigos físicos. O caxambu tornou-se então uma comemoração à liberdade com tambores feitos de troncos ocados de árvores.

A celebração de um “raiar” da liberdade, supostamente concedida, revela uma

visão ingênua sobre o processo da abolição da escravatura no Brasil. Muitos fatores concorreram para o encerramento oficial do regime escravagista, inclusive a resistência dos negros. Essa resistência cada vez mais organizada, à época, deixou os agentes políticos e econômicos temerosos de que houvesse uma tomada de poder, a exemplo do que ocorreu no Haiti entre 1791 e 1804.

A Revolta dos Malês, na Bahia, em 1835, assim como outras que ocorreram no país, incluindo o Espírito Santo, onde houve a Insurreição de Queimados, no ano de 1849, foi um demonstrativo da capacidade de mobilização dos negros e influenciou decisivamente no fim oficial do regime escravagista. Por isso houve tanta comemoração naquele 13 de maio.

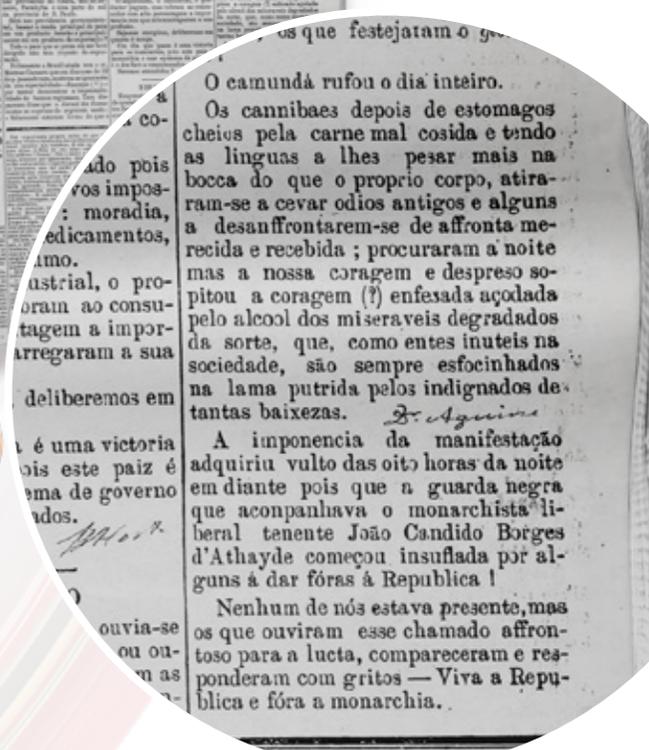
Os negros, até então “subjugados”, abandonaram as fazendas e foram comemorar em frente à Câmara Municipal de Cachoeiro. Mas a euforia logo deu lugar à realidade. Não havia moradia e nem comida para eles fora das fazendas, o que os obrigou a retornarem como forma de garantir a sobrevivência.

Segundo registros históricos, em Cachoeiro a “festa da abolição” foi patrocinada por um dos principais e mais violentos escravagistas da região, o então presidente da Câmara, o fazendeiro Tenente João Cândido Borges de Athayde. O mesmo homem, acusado de aplicar castigos rigorosos nos escravizados, foi o que, em 1888, reuniu os monarquistas em frente à Câmara Municipal para festejar, ironicamente ao som dos tambores dos caxambus, tanto a abolição da escravatura, ocorrida em 13 de maio, como o aniversário do imperador Pedro II. Para atrair um público expressivo ao evento, foram distribuídos pão, carne e vinho aos então recém libertos que festejaram até o sol raiar. Na mesma festa gritavam “vivas” à monarquia e “foras” à república.



A provocação não passou em branco. Como resposta, os republicanos chamaram os negros de “canibais” e de “miseráveis desgraçados da sorte”, em matérias publicadas no jornal “O Cachoeirano”. Também os acusaram de bebedeira e baderna e lembraram que a lavoura encontrava-se desorganizada pela recusa dos ex-escravizados, de voltar ao trabalho, pois só queriam viver nos batuques. Os republicanos criticaram o que consideravam uma hipocrisia por parte do presidente da câmara, que havia sido escravocrata e acusado de assassinar o “escravo” Martiniano.

A palavra “escravo” está grafada entre aspas por ser o termo utilizado nos jornais da época.





*Tava dormindo,
o senhor me chamou, (bis)
Levanta negro
cativeiro se acabou! (bis)*



*Princesa foi se embora,
Escreveu no papelão.
Quem quiser comer,
Trabalhe com suas mãos.*



MÚLTIPLAS VOZES E VERSÕES



“Quem conta um conto aumenta um ponto”. O dito popular se aplica com perfeição à história do Caxambu Santa Cruz, em Monte Alegre, zona rural de Cachoeiro de Itapemirim. A origem da manifestação tem um quê de fantástico, reafirmado nas múltiplas versões a respeito da história de um “escravo” chamado Adão. Suas peripécias são narradas com tal convicção que seria atrevimento extremo duvidar de que realmente tenha existido e protagonizado tantas aventuras. Seus feitos têm sido contados e recontados por décadas. Sempre com vivacidade e entusiasmo. E, não raro, com novas cores.

No caso do Negro Adão, o adjetivo escravo foi mantido no texto por ser a forma como os moradores do quilombo se referem a ele. Em seus relatos, eles o denominam sempre “Escravo Adão”, como se a palavra escravo fizesse parte do nome dele.

Se Adão realmente existiu?

Adevalmira Adão Felipe, a Cumadi Ilinha, afirma que sim. Ela é personagem lendária no universo dos caxambus por ter sido a primeira mulher a tocar o tambor, há quase seis décadas, quando ainda era uma menina de 13 anos. Cumadi Ilinha descende dos fundadores do quilombo de Monte Alegre e do Caxambu Santa Cruz.



“Desde que me entendo por gente nosso caxambu já tem esse nome. Meu avô já tinha caxambu”.

E foi por meio do avô que conheceu as aventuras fantásticas do “escravo” Adão. Reza a lenda que Adão, apesar da vigilância na senzala, conseguia fugir misteriosamente para dançar em bailes nas fazendas vizinhas.

Fala-se em bailes que o “escravo” Adão frequentava, mas na verdade seriam rodas de caxambu que aconteciam nas fazendas da região. Os bailes eram eventos das elites, que em alguns locais começaram a ser imitados pelos negros, como em Minas Gerais com as congadas e em Pernambuco com os maracatus.

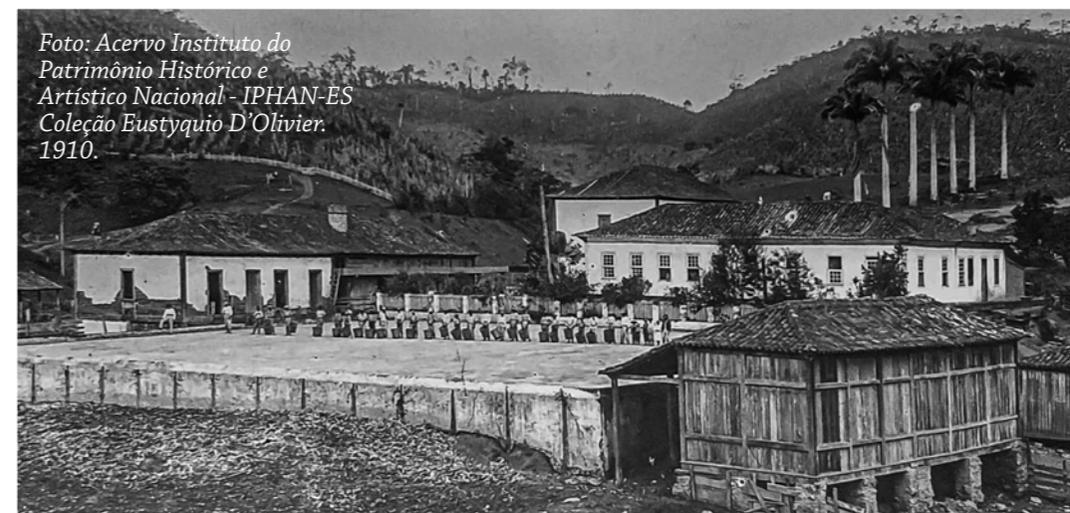
Um belo dia, lá na curva do Eraldo (hoje Fazenda Cafundó), Adão encontrou uma cobra enorme no meio do caminho, segundo a versão que vem sendo contada oralmente na comunidade de Monte Alegre. “Pois ele matou a cobra e colocou no mesmo lugar da estrada como expediente para atrasar seus perseguidores”, narra Ilinha, com um riso de canto de boca. Com isso o fazendeiro que o perseguia passou horas esperando a cobra atravessar a estrada, e Adão conseguiu voltar serelepe para casa. O lugar atualmente recebe o nome de Trilha do “Escravo” Adão.



A forma como Adão conseguia fugir da senzala para namorar, divertir-se nos bailes e também arrumar confusão era um mistério. Bem que os capatazes tentavam flagrá-lo e trazê-lo de volta, mas ele sempre dava um jeito de despistá-los. Faziam tocaia e nada. As peripécias de Adão povoam o imaginário de gerações.

Uma das versões é a de que teria sido ele o fundador da comunidade de Monte Alegre. Ele teria vivido na Fazenda Boa Esperança, vizinha a Monte Alegre, e dormia no tronco. Apesar de acorrentado, por meio de suas orações conseguia sair para se divertir. De manhã já estava de volta.

Foto: Acervo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN-ES Coleção Eustyquio D'Olivier. 1910.



O tronco era usado como instrumento para disciplinar e torturar os escravizados que não se comportavam de maneira tão dócil ou que faziam “corpo mole” no trabalho, dando prejuízos aos fazendeiros. Tais atitudes, na verdade, eram uma forma de resistência ao cativo. No caso de Adão, seu temperamento fujão motivava o castigo.

Adão também cultivava a fama de briguento e namorador. Segundo contam os mais antigos, ele ia nos “bailes” (as rodas de caxambu) das fazendas vizinhas e seduzia as moças. As casadas também eram alvos de suas investidas, o que acabava em confusão quando os maridos percebiam o movimento do sedutor.



**No tempo do cativoiro,
Como o senhor me batia.
Eu gritava por Nossa Senhora, ai meu Deus!
Ai como o chicote doía!**



**Me dá licença pra eu correr
seu corpo inteiro, (bis)
Pra ver se tem a marca do
tempo do cativoiro. (bis)**

RELIGIOSIDADE e poderes mágicos

As escapulidas de Adão eram um mistério. Poderes mágicos? “Ele tinha algum saber”, afirma Maria Laurinda Adão, mestra do Caxambu Santa Cruz. Segundo acredita, Adão usava a magia para escapar do tronco. Tais poderes (ou dons) teriam sido herdados na comunidade por Paulo Adão, irmão de Maria e Cumadi Ilinha.



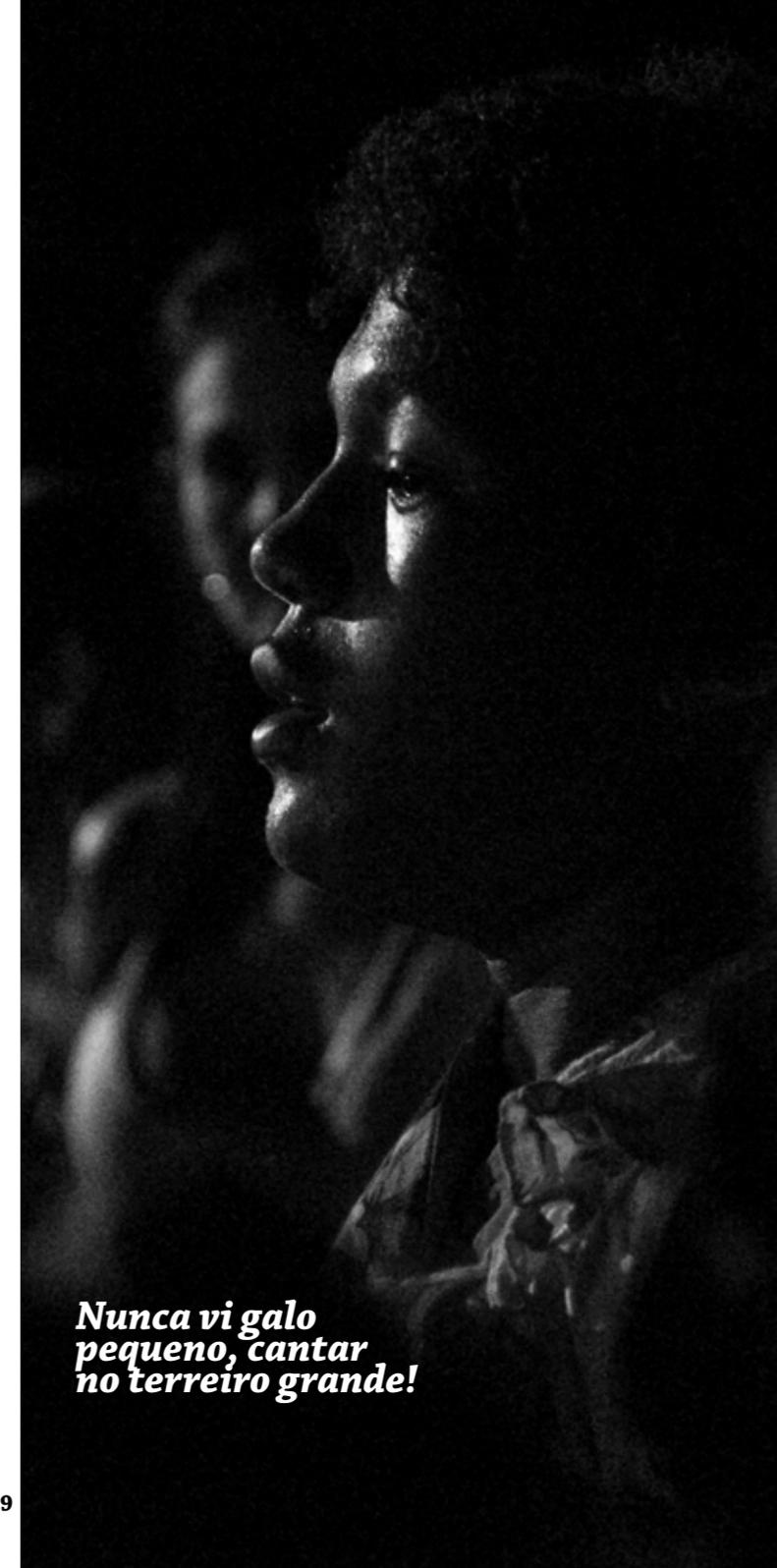
Muitas histórias mágicas envolvem as rodas de caxambu em tempos idos. Uma das mais conhecidas é a de uma bananeira que crescia em tempo recorde. Era plantada no meio da roda de caxambu, frutificava e tinha seus frutos comidos na mesma noite.



Outra também muito popular é a de um desafio em que o jongueiro atirou seu cajado no meio da roda, e o objeto transformou-se em uma cobra. O jongueiro desafiado, certamente mais forte e experiente do que o primeiro, jogou então seu chapéu no meio da roda. O chapéu transformou-se em um gavião que, imediatamente, capturou a cobra para devorá-la. Com isso, o primeiro jongueiro ficou preso (amarrado) na roda até que o segundo decidiu soltá-lo.



*Galo cantou
no terreiro de
Alexandre,*



*Nunca vi galo
pequeno, cantar
no terreiro grande!*

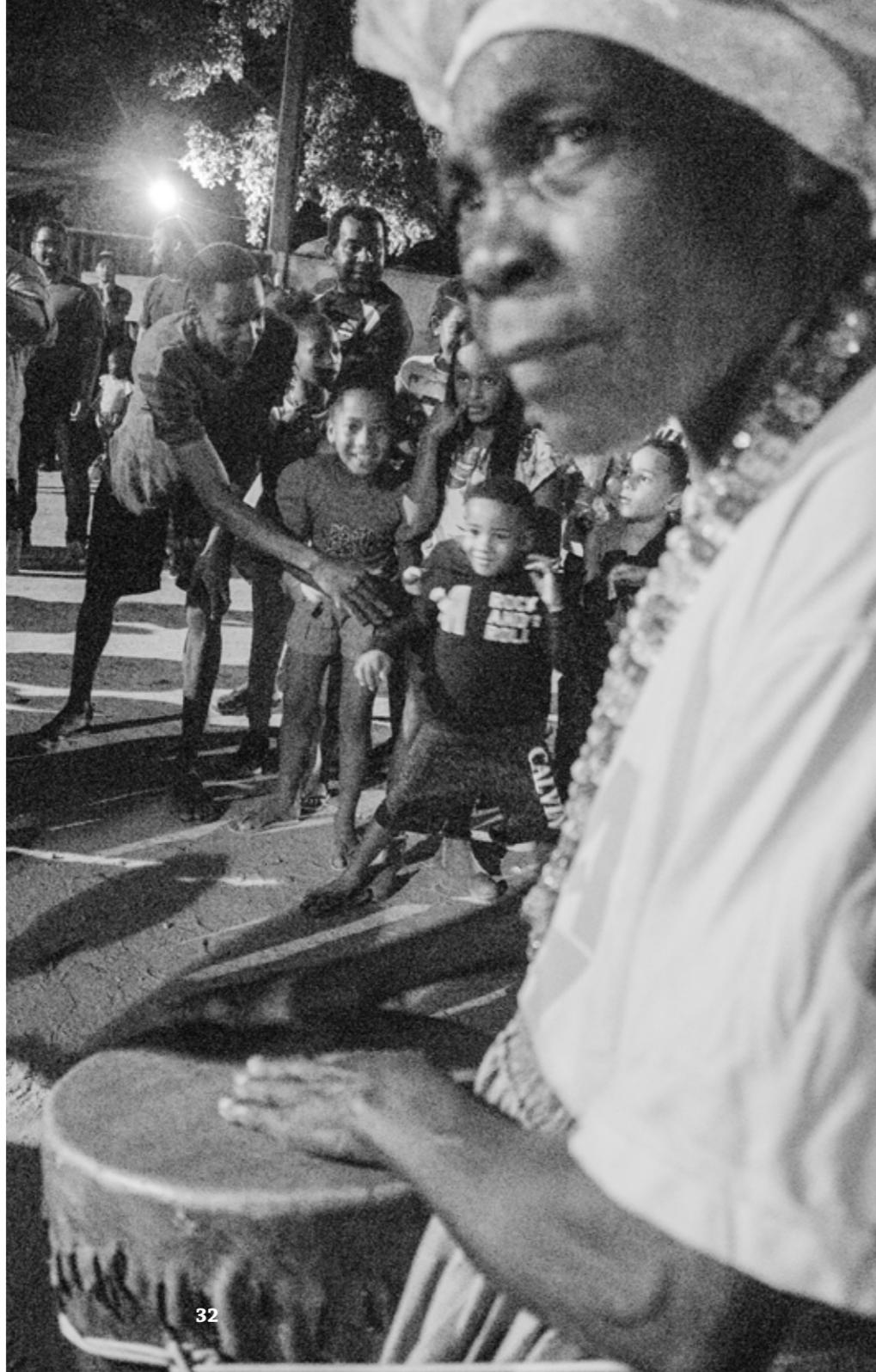


ENTRE
fios de
memória

Cumadi Ilinha iniciou-se no Caxambu acompanhando o avô materno, Zé Ventura. Mas houve um tempo em que a presença das crianças na roda era proibida. Havia um quê de mágico e sobrenatural nas rodas de antigamente, segundo conta. “O amarrado ficava como que hipnotizado. Hoje não mais”, diz. Isso ocorria em casos de desafio ou “abuso” por parte de um dos participantes. Nesse caso somente o mestre poderia desamarrear o ponto.

Segundo Maria Laurinda, o Caxambu Santa Cruz foi herdado por seu avô José Ventura. Os mais velhos foram morrendo e um tio chamado Néelson assumiu. Por último, estava sob a responsabilidade da mãe de Maria, Dona Eremita. Bem antes de morrer ela entregou o comando do Caxambu Santa Cruz à Maria. Missão que ela cumpre com abnegação.

A irmã Ilinha a acompanha na empreitada. Maria conta que foi escolhida por ser a mais interessada, curiosa. É mestre há mais de 60 anos. Assumiu a função aos 17, muito jovem, e ainda segue firme na função.



CAXAMBU SANTA CRUZ: a origem

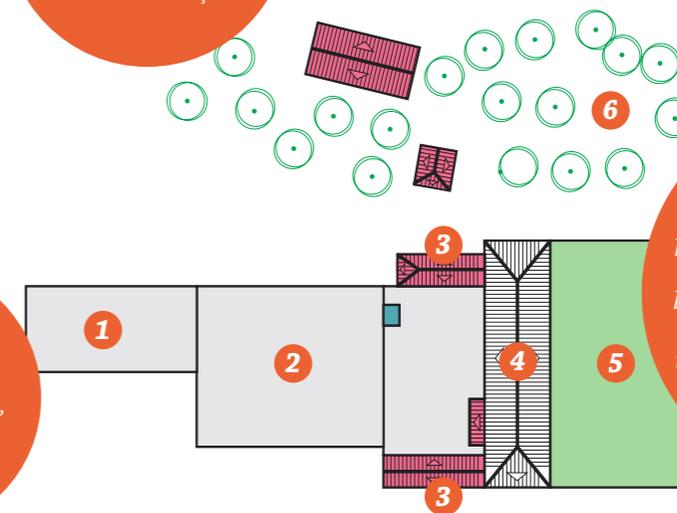
De acordo com a história oral difundida em Monte Alegre, e ratificada por Maria Laurinda Adão, o Caxambu Santa Cruz teria surgido por ocasião do 13 de maio de 1888, quando “raiou a liberdade”. Contudo, as histórias das peripécias de Adão, contadas pelos próprios moradores, dão conta de que já havia rodas de caxambu antes.

A mobilidade dos negros entre as fazendas e também de quilombolas que mantinham relações com negros escravizados, tanto da sua fazenda de origem como de outras fazendas também, é fato comprovado historicamente, inclusive no Sul do Estado. As rodas aconteciam nos terreiros de café que ficavam no centro do complexo agroindustrial da fazenda cafeeira.



O terreiro era circundado pelas principais edificações da fazenda: casa grande, senzalas, tulhas e demais construções.

Planta da Fazenda Monte Líbano, em Cachoeiro de Itapemirim



No centro do terreiro ficava o tronco. O castigo deveria ser público, para gerar medo nos escravizados.

O terreiro tinha outras funções: era uma espécie de praça pública; local de trabalho (na lida com a secagem e beneficiamento do café); espaço de lazer (onde aconteciam as rodas de caxambu e também as manifestações religiosas).

1 Terreiro

3 Senzalas

5 Jardim

2 Terreiro cimentado

4 Casa Grande

6 Pomar

Foto: Acervo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN-ES Coleção Eustyquio D'Olivier. 1910.



Sobre a primeira roda do Caxambu Santa Cruz, Maria se fia na versão que o avô narrava. Teria sido no 13 de maio de 1888, no “raiar da liberdade”. Segundo ela, na falta de instrumentos, bateram caixotes de querosene. Só depois surgiram os caxambus. Uma curiosidade é que os instrumentos são os mesmos desde os tempos em que o avô comandava o grupo. “Só mudou o couro”.

Maria afirma que Adão não tem relação com a criação do grupo, mas sim com o surgimento da comunidade de Monte Alegre. “O caxambu começou com meu avô José Ventura”, sustenta. Essa versão não é uma unanimidade, pois segundo os relatos, o caxambu seria bem mais antigo. Sobre a vinculação religiosa com a Umbanda, ela diz que o Caxambu nunca tocou em Centro, versão confirmada por Ilinha.



Quanto à comunidade quilombola de Monte Alegre, onde o Caxambu Santa Cruz tem suas raízes, Maria diz que tem sua fundação ligada às famílias Adão e Ventura, depois vieram os Veridianos. Mas a mais antiga é Adão. Mais recente no grupo, Geralda Nogueira Calixto, participa desde 2003. Ela conta que já conhecia o grupo antes, mas não fazia parte. “Minha mãe tinha caxambu na Mangueira. Pra mim é cultura”. Mesmo com dores nas pernas, ela se mantém ativa como caxambuzeira.



MARIA
LAURINDA
uma
mulher
plural



Ativa, bonita, forte e decidida. Maria Laurinda cabe em tantos adjetivos. Mas no Caxambu Santa Cruz o de mestra é o mais importante. Apesar da idade, Maria se mantém ativa, lúcida e combativa na defesa do que acredita e, sobretudo, nas tradições de sua comunidade. É também uma referência religiosa para várias gerações.





O Centro de Umbanda São Jorge hoje sob a liderança de Maria Laurinda, era do irmão Paulo Adão. “Vou morrer na minha fé”, ela diz. A missão religiosa conta com o apoio e a parceria da irmã Ilinha.

A biografia de Maria reúne múltiplos e variados papéis, alguns antagônicos como o de parteira e coveira. Ainda mocinha fez o primeiro parto. Depois perdeu as contas de quantas crianças ajudou a trazer ao mundo. Isso num tempo em que quase não havia médicos por perto, muito menos a possibilidade de um acompanhamento pré-natal.

Na direção contrária, atuou como coveira, testemunhando o fim de jornada de tantos, conhecidos ou não. Desde cedo Maria tomou as rédeas da própria vida, assumindo a liderança comunitária e participando também de diversos movimentos sociais, em especial na defesa dos direitos da mulher. É reconhecida como grande voz dos grupos de patrimônio imaterial em atividade no Espírito Santo.

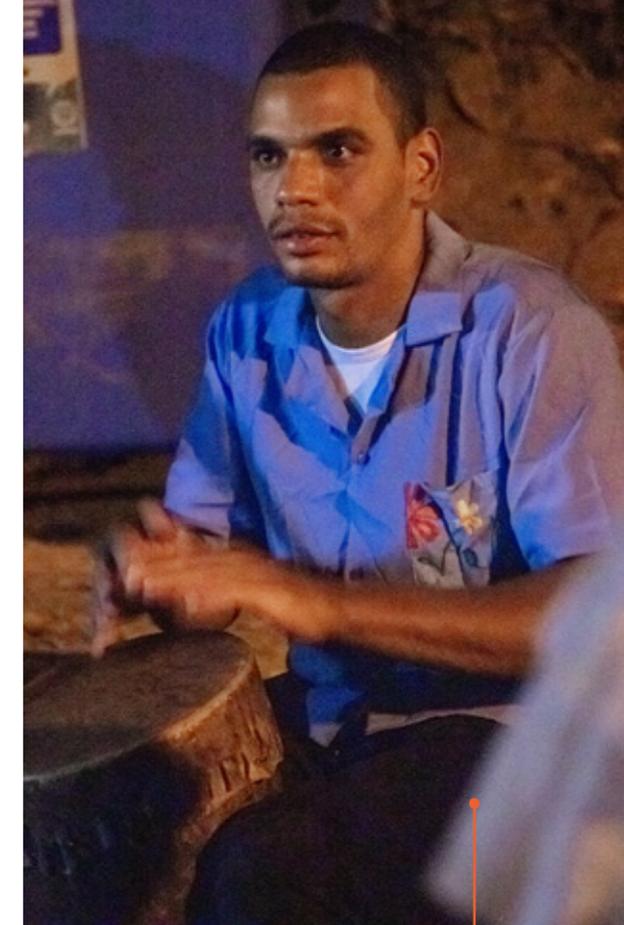


Escaneie o QR Code abaixo com o seu celular para assistir ao documentário “Todas as faces de Maria”, lançado em 2012.



Escaneie o QR Code abaixo com o seu celular para conferir a íntegra do livro “Todas as faces de Maria”, lançado em 2013.





O que será?

A exemplo de outras manifestações do patrimônio imaterial, não só no Sul do Espírito Santo como em outros pontos do país, a continuidade da tradição é uma incógnita. A maioria dos jovens tem outras distrações e interesses. Muitos migraram para a zona urbana em busca de trabalho e melhores condições de vida.

“O caxambu é uma tradição, não vai acabar. As crianças estão aprendendo. Estão cantando jongo”, acredita Maria Laurinda. Atualmente há pelo menos uma roda por mês e, sempre que possível, o grupo viaja para apresentações em outros lugares. Como os herdeiros de Maria, em sua grande maioria, tornaram-se evangélicos, caberá à linhagem da irmã a continuidade das missões com o caxambu e também com o Centro. Os filhos e netos de Cumadi Ilinha são presença constante. Uma das promessas é Cleuves, o neto que toca os tambores junto com a avó.



Octogenária, Cumadi Ilinha não perde uma roda de caxambu. Ela participa com dois netos, o filho e o bisneto. “Para mim o caxambu é uma diversão. Aprendi assim. E para tocar não é força, é jeito. O canto tem que ter o compasso do tambor”, ensina.



Ela lamenta que as rodas tenham se esvaziado com o tempo. Havia rodas de caxambu em diversos lugares. No dia 13 de maio era mais comum tocar em Conduru, distrito de Cachoeiro de Itapemirim. Ilinha tem também a função de acender a fogueira nas rodas do Caxambu Santa Cruz. “Acostumaram comigo”, brinca. Ela revela que se não esquentar o caxambu, instrumento, não sai o som e fere as mãos. É o calor do fogo que “afina” o couro e não deixa machucar as mãos.

A hierarquia das funções é assunto sério nessa herança dos tambores. Somente Cumadi Ilinha é quem pode autorizar a pessoa a tocar. Ela sempre toca o tambor maior, o Caxambu (que é o mais difícil de ser tocado), enquanto o outro quem pode tocar é Adão, filho dela, e já há algum tempo o Cleuves, seu neto. O rapaz fala do caxambu com entusiasmo. Seus filhos, ainda crianças, são dos mais animados caxambuzeiros do grupo.

Acender a fogueira não é um ato corriqueiro no ritual das rodas de caxambu. Tem conotação quase religiosa. Dona Ilinha se afasta de todos, faz uma espécie de oração (fica um tempo pensativa na frente da madeira a ser queimada) e só depois acende o fogo. Fica ali “goivando” (cuidando do fogo para que ele pegue na madeira seca e não se espalhe para além da fogueira) até o fogo acender completamente. Só depois ela pega os tambores, coloca perto do fogo para aquecerem e, finalmente, iniciar a roda.



O otimismo de Maria Laurinda se baseia na presença de jovens e crianças nas rodas. “Antigamente nem podia criança. A roda tinha mistério, hoje não tem mais. Mas a gente sabe que caxambu não é brincadeira”, diz, numa referência implícita ao aspecto religioso da manifestação. Assume um ar sério e diz:

“Tambor não é brincadeira.”



*Escrevi jongo fraco porque é diversão,
Mas o caxambu tem jongo sério
Que não é brinquedo não.*



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DE PESQUISA

BARROS, Rosângela Venturi, HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho. **Palavra de Mestre**. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2012.

BARROS, Rosângela Venturi, HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho, BARBIERI, Diego Scarpato. **Caxambu: Tambores da Liberdade**. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2015.

HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho, BASTOS, Izabel Cristina de Almeida. **Cultura Popular: narrativas de devoção por seus mestres**. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2011.

HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho. **Arquitetura, poder e resistência nas fazendas cafeeiras escravocratas no sul do Espírito Santo**. 2021. 239 f. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN-ES. **Coleção Eustyquio D'Olivier**. 1910.

VOLPATO, Luan Faitanin, HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho. **Fésta: fé e festa**. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2018.

ENTREVISTAS

ADÃO, Maria Laurinda. **O Caxambu Santa Cruz e o Quilombo Monte Alegre**. 2019. Entrevista concedida a Rosângela Venturi Barros, Cachoeiro de Itapemirim, 6 fev. 2019.

CALIXTO, Nogueira Calixto. **O Caxambu Santa Cruz e o Quilombo Monte Alegre**. 2019. Entrevista concedida a Rosângela Venturi Barros, Cachoeiro de Itapemirim, 6 fev. 2019.

FELIPE, Adevalmira Adão. **O Caxambu Santa Cruz e o Quilombo Monte Alegre**. 2019. Entrevista concedida a Rosângela Venturi Barros, Cachoeiro de Itapemirim, 6 fev. 2019.

FELIPE, Clevis Adão. **O Caxambu Santa Cruz e o Quilombo Monte Alegre**. 2019. Entrevista concedida a Rosângela Venturi Barros, Cachoeiro de Itapemirim, 6 fev. 2019.

VENTURA, Neuza Gomes. **O Caxambu Santa Cruz e o Quilombo Monte Alegre**. 2019. Entrevista concedida a Rosângela Venturi Barros, Cachoeiro de Itapemirim, 6 fev. 2019.



Este livro foi composto utilizando-se as famílias tipográficas Chaparral Pro e Diplomat.

Sua capa foi impressa em papel Supremo 250g/m² e seu miolo em papel couché fosco 115g/m², medindo 21x21cm, com uma tiragem de 500 exemplares.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



*Adeus, adeus,
meus filhos, eu vou simbora.
Vocês fica com Deus,
que eu vou com Nossa Senhora.*



REALIZAÇÃO



*Aponte a câmera
do celular para
este QR Code e
conheça melhor
a Associação!*

ESTE LIVRO FOI PRODUZIDO POR INTERMÉDIO DA LEI
MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA "LEI RUBEM BRAGA".



**PREFEITURA DE
CACHOEIRO**

APOIO:

Realizado com recursos de
Funcultura

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura



ISBN 978-655389047-3



9 786553 890473